

AS ARQUITETURAS DA ÁGUA NO MOSTEIRO BENEDITINO DE SÃO MIGUEL DE BUSTELO (SÉCULOS XVII-XIX)*

DIOGO EMANUEL PACHECO TEIXEIRA**

Resumo: *O fornecimento de água aos aglomerados comunitários é imposição essencial para a sua permanência num determinado território. A gestão deste elemento era condicionada pelos conhecimentos de engenharia hidráulica e da arquitetura, ocasionando na construção de equipamentos cujas estruturas mais visíveis são os aquedutos, os chafarizes, as fontes, os poços, as presas, os tanques, entre outros. Muitos destes meios foram implementados nas várias administrações do Mosteiro de São Miguel de Bustelo, em Penafiel, ao longo da Época Moderna. Partindo do estudo dos Estados, documentação preciosa para perceber os modos de subsistência nos mosteiros beneditinos, tentamos analisar a importância dada por esta específica coletividade à construção deste tipo de estruturas.*

Palavras-chave: *água; arquitetura; beneditino; mosteiro.*

Abstract: *The water supply to community agglomerates is an essential requirement to stay in a given territory. The management of this element was conditioned by the knowledge of hydraulic engineering and architecture, leading to the construction of equipment whose most visible structures are aqueducts, fountains, wells, reservoirs, and tanks, among others. Many of these facilities were implemented in the various administrations of the Monastery of São Miguel de Bustelo, in Penafiel, during the Modern Age. From the study of the Estados, precious documentation to understand the ways of subsistence in the Benedictine monasteries, we tried to analyse the importance given by this specific collectivity to the construction of this type of structure.*

Keywords: *water; architecture; Benedictine; monastery.*

INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta da comunicação apresentada na 6.^a Jornada de História da Arquitetura Portuguesa intitulada *Mosteiros e Conventos: Formas de (e para) Habitar*. Seleccionamos o Mosteiro beneditino de São Miguel de Bustelo, em Penafiel, devido às suas arquiteturas da água, bem como à sua importância patrimonial. Foi com enorme assombro que, durante o trabalho de campo, constatamos o avançado estado de degradação de todo o conjunto conventual, que está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1984¹. É importante referir que nesta classificação não se faz qualquer menção ao aqueduto, ao contrário do que se vê noutros casos.

* Se o *copyright* das figuras não for indicado, pertence ao autor deste texto.

** CITCEM. Email: diogo.ep.teixeira@gmail.com.

¹ PORTUGAL. Ministério da Cultura. Presidência do Conselho de Ministros, 1984: 1927.



Fig. 1
Vista do aqueduto
e do Mosteiro

A sua fundação remonta ao século XI, não havendo uma data precisa². A reformulação da Ordem Beneditina em Portugal, em meados do século XVI, levou à constituição das gestões trienais. Foi a partir desta época que o mosteiro começou a ser completamente reestruturado, tanto espiritualmente como fisicamente³. Remodelação que se vai repercutir por toda a Época Moderna, demonstrada nos estudos de Fernanda Paula Sousa Maia, e através da análise documental.

Apesar da Regra de São Bento não referir formas arquitetónicas, indica no Capítulo LXVI que todas as valências devem estar patentes no interior dos espaços monásticos. Relevâncias tais como a água, as hortas, os moinhos e os mais diversos ofícios⁴. Tenhamos em conta que os grandes arquitetos da Época Moderna, quanto às arquiteturas da água, vão ter em Vitruvius a base do seu conhecimento⁵, culminando num processo evolutivo que se repercute por toda a Europa, aliando o fornecimento de água ao adorno dos objetos⁶.

As principais fontes por nós estudadas foram os *Estados*, depositados no Arquivo Distrital de Braga (ADB). Este rico espólio documental é composto por relatórios trienais que registavam tudo o que se fazia, no caso de Bustelo, desde 1596 até 1822. No entanto, muitos destes documentos não chegaram aos nossos dias, provocando longas lacunas, tais como 1632-1635, 1641-1644, 1671-1710, 1716-1719, 1734-1737 e 1752-1755.

² MAIA, 1991: 21.

³ MAIA, 1991: 25-26.

⁴ MORIN, 1944: 263-266.

⁵ TEIXEIRA, 2011: 16-38.

⁶ ALVES, 1997: 46.



Fig. 2
Fonte da Horta
(fonte de Santo
Antônio / fonte de São
Plácido)

Tentamos colmatar estas falhas utilizando outras fontes⁷. Uma delas são as *Memorias do Mostr.º de S. Miguel de Bustelo, escritas sobre o exame do seu Arquivo*, escritas entre 1800 e 1801, por frei Antônio d'Assunção Meireles, e transcritas e publicadas pelo frei Geraldo J. A. Coelho Dias. A outra é *O Livro dos Óbitos*, cujo paradeiro é incerto, mas foi transcrito e publicado em duas partes por Domingos Leite de Castro, entre 1896 e 1897⁸. Infelizmente, a documentação estudada não nos informa sobre os artistas.

AS ARQUITETURAS DA ÁGUA NO MOSTEIRO BENEDITINO DE SÃO MIGUEL DE BUSTELO

A primeira menção a arquiteturas da água nos *Estados* do Mosteiro beneditino de São Miguel de Bustelo é no triênio de 1626-1629. Relata a construção de uma fonte nova na horta, descrevendo-a com frontispício, assentos, lajeamento e charola⁹. Frei Antônio d'Assunção Meireles, nas suas *Memorias do Mostr.º de S. Miguel de Bustelo*, ao falar desta administração, refere a existência de um aqueduto subterrâneo que atravessava o chão da Capela de Nossa Senhora, junto ao vão da porta travessa da igreja, em direção ao claustro¹⁰.

⁷ Esta dinâmica foi sugerida e utilizada por Fernanda Paula Sousa Maia no seu artigo *O Mosteiro de S. Miguel de Bustelo à Luz dos «Estados» de Tibães*. MAIA, 1985-1986: 61-96.

⁸ Este livro foi adquirido no triênio 1656-1659 para se registar as vidas e feitos dos abades. CASTRO, 1896: 132.

⁹ «Fesse hua fonte nova na horta co seu fronte espicio, e assentos lageamento e charola». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1626-1629, n.º 127.

¹⁰ «[...] no altar de Nossa Senhora metido no vão da porta travessa da Igreja do Mosteiro, que se achava tapada de pedra, e cal, pela parte de fora, servindo esta capela para o futuro de sepultura a eles Doadores, e seus Descendentes; advertindo que o chão da Capela se estenderia 5 palmos para dentro da Igreja e terminaria com grades, e não se podendo abrir o Carneiro dentro da Capela por obstar o aqueducto, que caminhava para o Claustro, se podesse abrir fóra dela,



Fig. 3
Aqueduto do Mosteiro
de Bustelo

Apesar de nos *Estados* a primeira menção ser a supramencionada, frei António d'Assunção Meireles refere que no prelado trienal anterior, 1623-1626, era aplicada uma pena de 10 cruzados contra pessoas que danificassem a canalização da água que servia o mosteiro¹¹.

É importante salientar que no triénio de 1633-1635 inicia-se a «reedificação do Mosteiro», tendo sido lançada a primeira pedra em 13 de agosto de 1633¹².

Em 1638-1641 é referido que um cano foi consertado por várias vezes¹³.

No triénio de 1644-1647 foi reconstruído o cano da água por trás da capela-mor, onde foi edificada outra fonte¹⁴.

No prelado de 1650-1653 foi consertada a fonte da horta e nela se abriu um nicho para lá colocar uma imagem de Santo António¹⁵, passando a ser designada em honra deste santo.

encostado á parede da Igreja e pela parte debaixo: determinou-se mais neste Contrato e Doação, que alargariam eles, ou ses Sucessores, querendo, a dita Capela para fora da Igreja, e adro dela, tanto quanto bastase para meter a sepultura sem ofensa do aqueducto [...]». MEIRELES, 2007 [1800-1801]: 117 (fls. 174-174v).

¹¹ «[...] he datada em 31 de Dezembro do ano 1624 [...] no qual conseguio do Corregedor Luís de Almada a imposição da pena de 10 cruzados, applicados a os Cativos, e Acuzador, contra as Pessoas, que despedasávão os alcatruzes por onde descia a agoa para o Mosteiro, ou a extraviassem, por Despacho de 9 de Julho». MEIRELES, 2007 [1800-1801]: 116-117 (fls. 172v-173).

¹² MEIRELES, 2017: 118.

¹³ «[...] e consertouce por vezes o canno». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1638-1641, n.º 127.

¹⁴ «Reedificou o cano da agua maudandoo por detrás da capella mor, aonde se acrescentou mais hua fonte». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1644-1647, n.º 127..

¹⁵ «Consertouce a fonte da orta abridosse hum nicho p.ª S.º Antonio [...]». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1650-1653, n.º 127.



Fig. 4
Lavatório à entrada do refeitório

A obra de maior envergadura, no que toca às arquiteturas da água do mosteiro, sendo um importante elemento que demarca a paisagem da freguesia de Bustelo, é o aqueduto aéreo. A sua construção segue claramente uma matriz romana¹⁶ e, curiosamente, não é mencionado nas *Memórias Paroquiais* de 1758¹⁷. Foi mandado construir pelo padre frei Manoel Pessoa, entre 1665-1668¹⁸. Frei António d'Assunção Meireles certifica esta informação, referindo que antes da existência desta estrutura, os religiosos passaram sede por várias vezes¹⁹. O *Livro dos Óbitos* também refere a construção desta tão grandiosa obra²⁰.

No triénio de 1668-1671 concertou-se o cano da água nalguns sítios²¹.

O *Estado* referente a 1695-1698 não chegou até nós, mas no *Livro dos Óbitos* diz que se concertou a fonte de Santo António e fez-se o viveiro dos peixes²².

¹⁶ HODGE, 1992: 129-147.

¹⁷ COELHO, 1987-1988: 271-273.

¹⁸ «Trouxesse a agoa a caza que se repartio nas oficinas por bom modo, ficando hũa fonte perenne na cozinha aonde se fes tambem hum tanque abrindoze hũa porta da dispença p.^a a cozinha e pelas g.^{des} conveniências q.^e ouve nesta obra, não custou mais de noventa e dous mil oitocentos noventa e cinco reis». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1665-1668, n.º 127.

¹⁹ «Eleito em Capitulo de 1665, D. Abade de Bustelo, fes no seu Trienio a grande obra do Aqueduto firmando sobre os arcos de pedra, cuja utilidade souberam apreciar os seus Coévos, que havião experimentado por muitas vezes a sede, procedida pelas ruinas da parede velha, que na ocasião dos concertos repetidos punha os Monjes de sitio; acabou o seu Triénio em 1668». MEIRELES, 2007 [1800-1801]: 116-120 (fl. 179v).

²⁰ «Em o anno de 1665 foi eleito por D. Abade deste mesmo mosteiro o muito R. P. pregador frey Manoel Pessoa, natural da cidade do Porto, Prelado muito operário que foi o que fez os arcos de pedra que encaminhão a agua para o convento». CASTRO, 1896: 132.

²¹ «[...] Concertouce o cano da agoa em duas ou trez partes». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1668-1671, n.º 127.

²² «Neste triennio fez todas as casas térreas que servem de recolher os gados, palheiro e forno; concertou a fonte de Santo Antonio; fea a debaixo e o viveiro dos peixes, mandou pôr todos os esteios de pedra nas latadas». CASTRO, 1896: 134.

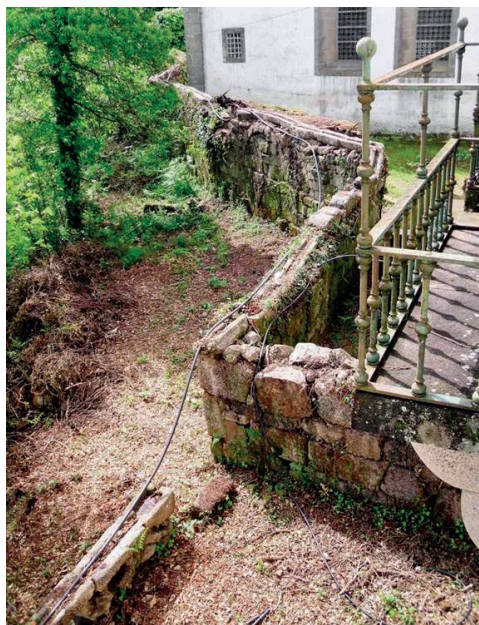


Fig. 5
Troço do aqueduto, dentro da cerca,
com desvio para o claustro

O triénio 1707-1710 não consta nos *Estados*. Recorrendo às *Memórias*, sabe-se que se fizeram alguns arranjos na canalização do aqueduto e foi neste prelado que foi construída a cozinha e feita a condução de água até lá²³. No *Livro dos Óbitos* refere-se uma alteração no modo de condução de água no aqueduto, consistindo na substituição dos alcatruzes de barro por de pedra. Porém, sem grande segurança. Menciona a construção do arco de pedra por onde a água passava por cima do caminho e indica a condução da água para a cozinha. Neste documento surge a única referência, na documentação estudada, a um lavatório de pedra na antessacristia²⁴. Peça que não subsistiu. Curiosamente, o Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto, tem um lavatório seiscentista de pedra, de traçado bastante erudito, trasladado para a parede da antessacristia no triénio 1725-1728²⁵.

²³ «[...] a pezar de ter continuádo com a nova Igreja fazendo o Cruzeiro dela da parte do Evangelho, de substituir aos alcatruzes de barro caloins de pedra no aqueduto dos arcos, edificar nova Casa da cozinha, fóra do Dormitório, e corpo do Mosteiro, e conduzir agoa á mesma Casa». MEIRELES, 2007 [1800-1801]: 124-125 (fl. 189).

²⁴ «O P. P. Jubilado Fr. Luiz de S. Bomaventura natural da cidade de Lisboa foi eleito em Abade desta casa no capitulo geral que se celebrou em Tibaens no mez de mayo de 1707, foi chamado filosofo supponho que pela sua loquella mas ainda que era solícito não tinha muita inteligencia para as disposicois do governo e por este respeito deu o erro tão notório no cruseiro que meteu na egreja nova fora da traça della; para o que tirou a ante S. Cristia e passagem para a horta e lavatorio, e uma sacada em cima que cahia para ahorta que tudo ocupa o braço do cruseiro que fez para a parte do convento [...] Troixe a agua por calois de pedra, que de antes vinha por alcatruzes de barro; mas com tão pouca segurança que qualquer creança tira capo para beber da agua, se não faz nos canos excessos de rapazes como se tem visto. Fez o arco de pedra por cima do qual passa a agua no caminho e ao pé delle a ponte de que se aproveitão os passageiros, e meteu a agua na cosinha e fez esta da parte de fora do dormitorio». CASTRO, 1896: 135-136.

²⁵ SMITH, [1968]: 39.

Entre 1722 e 1725, construiu-se uma nova presa, cujo caudal serviu para mover os moinhos. Consertou-se o cano do aqueduto com cal e barro, desde a mãe d'água até à cozinha. Também se consertou a fonte de Santo António²⁶ e reformulou o engenho de azeite, que anteriormente era movido por força de bois, passando a ser movido por força da água²⁷.

O cano da água volta a ser consertado em 1725-1728²⁸.

O Estado de 1728-1731 refere que a pedra usada para transportar a água do aqueduto para o claustro veio da freguesia de Santa Marta. Também menciona que se consertou o aqueduto várias vezes e se arranjou a canalização que seguia para a cozinha, afastando-a da parede do refeitório e vertendo-a nas pias²⁹.

Entre 1737 e 1740, retelhou-se a charola da fonte de Santo António, colocando também uma mesa de pedra com assentos³⁰ e reconstruiu-se quase na totalidade o viveiro dos peixes³¹.

Entre 1743 e 1746, mandou-se fazer uma pia de água benta. Nos passais e na horta construíram-se sete aquedutos para aproveitar a água que lá havia. Dois deles serviram para aumentar o fornecimento de água ao mosteiro. Também se abriu outro cano num lameiro junto do passal que ajudou no abastecimento do edifício e serviu uma quinta vizinha³². O *Livro dos Óbitos* refere a abertura de dois poços que se encontravam por cima da vessada³³.

²⁶ «Fese huma preza de novo com seu canal toda a esquadria; asim p.^a os muinhos como p.^a o azeite [...] Concertousse o cano da agoa com cal e barro da may athe a porta da cozinha [...] Concerousse a fonte de S.^{to} Antonio da madeira e telha que lhe era necessaria». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1722-1725, n.º 127.

²⁷ «[...] no seu triennio se mudou o engenho de azeite que era de bois junto ao mosteiro e o mandou fazer de agua todo de novo donde agora o vemos com toda a grandesa [...]». CASTRO, 1896: 139.

²⁸ «Concertousse o cano da agoa, e correuse varias vezes». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1725-1728, n.º 127.

²⁹ «Fica no monte de S.^{ta} Martha a pedra quebrada e paga aos officiais e desbastada p.^a as capas da agoa que vem pellos arcos p.^a o claustro [...] Consertouce a agoa q.^e vem pellos arcos per m.^{tas} vezes [...] Consertouce a agoa q.^e vai p.^a a cozinha afastandoe da parede do refeitório metendoa em alcatruzes em suas pias sobre calões de pedra abertos por cima com capas p.^a mais limpeza da agoa». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1728-1731, n.º 127.

³⁰ «Fizerão-se hūas latadas na orta todas immadeiradas, em esquadria, com seus padrastais de pedra e seus alegretes; e se retilhou a capella da fonte e se pos nella hūa meza de pedra com seus asentos [...]». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1737-1740, n.º 127.

³¹ «Reformou tambem ou fez quasi de novo a presa e o viveiro dos pixes, a capella de Santo Antonio se armou e retelhou toda de novo». CASTRO, 1896: 141.

³² «Fesse hūa pia rave p.^a agua benta, q.^e serve no responço das graças q.^e a não havia [...] Reduziuce a cultura hum grande taboleiro de terra, sitto no meio do passal deste most.^{to}, q.^e em sim não continha mais q.^e silvados e algua agua, adonde se abrirão sette aquaductos, dous principais de q.^e resultou, acrescerem as aguas deste most.^{to} meyo por meyo, cujo benef.^o experimentarão já os passais este anno e se utilizarão grandemente as hortas, fazendoe de novo duas possas de pedra p.^a este effeito. Abriuce mais hum canno, em hum lam.^{to} vezinho do passal de cuja obra resultou accreer hua telha de agua, situada de sorte q.^e benefecia todo o passal, e da mesma sorte utiliza a quinta da Granja. Fesse hum tanque no terreiro p.^a beberem as bestas, e otros animaes aproveitando-se as agoas que nelle cae outra ves p.^a as hortas. Fesse hum asude no Barroquo da horta p.^a beneficio e aume.^{to} da mesma». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1743-1746, n.º 127.

³³ «[...] tambem fez as duas possas que estão por cima da Vessada [...]». CASTRO, 1896: 141.



Fig. 6

Tanque que se encontra abaixo do terreiro

Em 1746-1748, construiu-se um tanque no terreiro para dar de beber aos animais e fez-se um açude no barraco da horta³⁴.

Entre 1748 e 1752 reformou-se a cozinha, por ameaçar ruína³⁵.

O prelado trienal de 1752-1755 também não consta nos *Estados*. No entanto, frei António d'Assunção Meireles menciona-o e também é relatado no *Livro dos Óbitos*. Quanto à água, o primeiro apenas refere que o caudal do aqueduto foi aumentado³⁶. O segundo também fala desse aumento, bem como da obra da fonte da horta³⁷.

No triénio de 1755-1758, mudou-se a canalização da água que ia para a cozinha³⁸.

Na administração de 1761-1764, levantou-se um bocado do muro por onde seguia a água para a cozinha e chafariz. Também se desentupiu a canalização que servia a

³⁴ «Fesce hũa pia rave p.^a agua benta, q.^e serve no responço das graças q.^e a não havia [...] Reduziuce a cultura hum grande taboleiro de terra, sitto no meio do passal deste most.^o, q.^e em sim não continha mais q.^e silvados e algua agua, adonde se abrião sette aquaductos, dous principais de q.^e resultou, acrescerem as aguas deste most.^o meyo por meyo, cujo benef.^o expermentarão já os passais este anno e se utilizarão grandemente as hortas, fazendoce de novo duas possas de pedra p.^a este effeito. Abriuice mais hum canno, em hum lam.^o vezinho do passal de cuja obra resultou accrecer hua telha de agua, situada de sorte q.^e benefecia todo o passal, e da mesma sorte utiliza a quinta da Granja. Fesse hum tanque no terreiro p.^a beberem as bestas, e otros animaes aproveitando-se as agoas que nelle cae outra ves p.^a as hortas. Fesse hum asude no Barroquo da horta p.^a beneficio e aume.^o da mesma». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1743-1746, n.º 127.

³⁵ «[...] e se fez a cosinha de novo que ameaçava ruina e a porta que por baixo della vay para a horta [...]». CASTRO, 1896: 142.

³⁶ «Lhe sucedeu por votos de Capitulo celebrado em 1752; foi muito laborioso, e operario [...] aumentar a masa d'agoas, que descem pelo aqueduto dos arcos [...]». MEIRELES, 2007 [1800-1801]: 128 (fls. 195v-196).

³⁷ «[...] mais acrescentou a agua dos arcos e fez a fonte da horta [...]». CASTRO, 1896: 142.

³⁸ «Mudou-se a agoa q.^e vinha p.^a a cozinha p.^a ir com mais limpeza». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1755-1758, n.º 127.



Fig. 7
Troço do aqueduto,
dentro da cerca, que
fornecia a cozinha

fonte de São Plácido³⁹, sendo esta a primeira vez que esta fonte é assim designada, por vez de fonte de Santo António.

Em 1764-1767, remodelaram-se as minas e encanou-se a água que servia as fontes de São Plácido e do claustro. Também se reconstruiu um pedaço do aqueduto que estava arruinado⁴⁰. Frei António d'Assunção Meireles refere que neste prelado foi embargada a obra de uma mina de água, que estava a ser feita por Bento de Bessa. Também foi interrompida, em 27 de abril de 1765, a obra da mina da devesa do Vale, de que se servia a coletividade, e trazia muitos prejuízos ao mosteiro e à comunidade, porque desaguava no tanque da fonte da estrada, inutilizando-a⁴¹.

Entre 1773 e 1776, construiu-se o encanamento de pedra para fornecer a fonte de São Plácido⁴².

O governo trienal de 1777-1780⁴³ foi bastante profícuo em obras de arquiteturas da água. Fez-se uma pia nova para guardar água na cozinha. No claustro

³⁹ «Levantou-se hum gr.^{de} pedaço do muro por onde vem a agoa p.^a a cozinha e chafariz, e se concertarão os aquedutos deste: dezentupiose em p.^{te} a agoa q.^e vem para a fonte de S. Placido». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1761-1764, n.º 127.

⁴⁰ «Reformarão-se as minas de agoa dentro e de fora e se encanou a que vem para a fonte de S. Placido e a do claustro. Fes-se hum grande pedaço do aqueduto que estava arruinado». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1764-1767, n.º 127.

⁴¹ «Embargou a continuação da Mina d'agoa, que abria Bento de Besa, e com a qual estancando a outra devesa do Vale donde correm as agoas para o consumo da Comunidade, fazia incalculáveis prejuizos, assim ao Mosteiro, como ao Publico, inutilizando a fonte, que deságoa no tanque da estrada; foi posto o Embargo em 31 de Julho de 1765». MEIRELES, 2007 [1800-1801]: 129-130 (fls. 198-198v).

⁴² «Fezce o encanam.^{to} de pedra da agoa da fonte de S. Placido». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1773-1776, n.º 128.

⁴³ «Fece hũa pia nova p.^a conserva da agoa da cozinha. Fece no claustro hum chafaris da estatua de Ercules sobre as hidras, deitando agoa por todas as sette bocas em hum tanque novo feito a moderna, oleado todo de branco, e dourada a pelle da estatua, serpente, ramos, e fora da pianha, que sustenta a d.^a estatua [...] Pozerãoce nos



Fig. 8
Chafariz de Hércules a combater a Hidra,
no claustro

construiu-se o chafariz em granito, que ainda persiste bastante degradado, com a representação de Hércules a combater a Hidra de Lerna, num dos seus doze trabalhos⁴⁴. Apesar das cabeças deste monstro mítico terem desaparecido, o documento diz-nos que a água vertia pelas suas bocas para o tanque feito à moderna e oleado de branco. A estátua estava pintada de dourado, com exceção da peanha onde assenta. Curiosamente, neste preciso triénio, no Mosteiro de São Bento da Vitória,

coatro cantos do dito claustro, coatro ourinoez de pedra, e se ladrilhou m.^{tas} p.^{tes} do interior do d.^{to} claustro, e se fes hum cano oculto p.^a despejo da agoa do m.^o tanque. Na baranda se poz hum rezisto com chave de bronze em hũa carranca de pedra, p.^a os relgiozos tomarem agua. Alimparão-se as minas velhas de agoa q.^e vai ao d.^o claustro, cozinha, e fonte da estrada; e em hua das minas se romperão muitas braças, com o que se augmentou a dita agoa. E p.^a a condução desta, dos arcos athe o chafariz se concertarão alguns alcatruzes, e se pozerão m.^{tos} novos de pedra. Fece hua preza nova p.^a a p.^{tes} do dormitorio do poente, p.^a aproveitar as vertentes da agoa do chafariz, e beneficiar as leiras q.^e servem de hortas. Mandouce tirar a agoa da mina q.^e hia por baixo dos arcos p.^a a veçada por se te alagado a d.^a mina, e ameaçar gr.^{de} ruina aos mesmos arcos, axtrahindoce a agoa por outra mina nova q.^e se fez; por fora dos arcos, a qual seguindoce em m.^{tas} braças se deu com agoa nova, que forma hũa gr.^{de} preza q.^e de novo fez. Mandouce tirar hua agoa nova em o monte do Calvario por minas que se abriu p.^a regar a veçada de fora, e o pomar novo da área interior cuja agoa vem por caleiros de pinheiro, sendo a mina em m.^{ta} parte forrada de pedra p.^a se não aluhir, e p.^a a qual agoa se fez hũa preza». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1777-1780, n.º 128.

⁴⁴ GRIMAL, 2004: 209.

no Porto, também foi construído um chafariz com a mesma temática, e bastante semelhante, no centro de um dos seus claustros. Infelizmente, este exemplar desappareceu⁴⁵. Devido à cronologia e à temática, Fernanda Paula Sousa Maia coloca a hipótese de ambos serem do mesmo autor⁴⁶, dado que não nos é fornecido pela documentação. Continuando com o Mosteiro de São Miguel de Bustelo, na varanda do claustro colocou-se um registo com uma carranca com uma chave de bronze para os religiosos beberem água. Limpam-se as minas velhas que serviam o claustro, a cozinha e a fonte da estrada e concertaram-se alguns alcatruzes para melhorar a condução da água desde o aqueduto até ao chafariz. Também se fez uma presa nova para aproveitar as suas vertentes para usufruto das hortas. Deixou de se usar a água de uma mina que corria por baixo do aqueduto, em direção à vessada. Este manancial estava de tal modo alagado que ameaçava a ruína dos arcos. Esta tarefa levou a que se extraísse água de outra nascente próxima, que levou à construção de uma nova presa. Também se começou a explorar uma mina nova que se encontrava no monte do Calvário, cuja água era conduzida em caleiras de pinheiro, forradas de pedra para não desmoronar, para regar a vessada exterior e o pomar novo no interior da cerca.

Em 1780-1783, abriu-se uma mina nova para fornecer a fonte de São Plácido, visto que a existente se encontrava em mau estado. A fonte também foi consertada, pintada e colocou-se junto dela uma nova mesa de lousa. Fez-se uma grande presa de cantaria junto a uma quinta vizinha, abriu-se uma mina com dois grandes canais de pedra e fez-se outra presa do mesmo material⁴⁷.

No prelado de 1786-1789, fez-se um cano para enxugar a vessada, abriu-se uma mina e cobriu-se o cano de água que fornecia o mosteiro⁴⁸.

Entre 1798 e 1799, abriram-se cinco minas de água, sendo que duas serviram para aumentar o caudal que fornecia a cozinha e o claustro, outra serviu para irrigar parte dos passais, outra encanou-se para abastecer o viveiro que, por sua vez, regava as hortas. O último cano foi encaminhado para a fonte de São Plácido, que voltou a ser reedificada, passando a ter uma coroa e ao centro as suas armas. Também lá

⁴⁵ SMITH, [1968]: 51-52.

⁴⁶ MAIA, 1985-1986: 70.

⁴⁷ «Abriocce na horta huma mina por se achar arroinada a antiga de q.^e sahe abundante, e excelente agoa, que vem dar a fonte chamada de S. Placido, a qual tambem se concertou, e pintou, e nella se pos hua excelente meza de louza nova: abriirãose na m.^a horta dous canaes p.^a se poder bem emxugar o charco, q.^e está ao pe da preza de S. Placido [...] Nos passaes fescce junto da Cabreira huma grande preza de pedra na q.^{ta} chamada da Granja: monteouce toda a terra do pomar velho até as prezas: abriose hua mina com dous canaes de pedra, e fescce hua grande preza, tambem toda cercada de pedra». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1780-1783, n.º 128.

⁴⁸ «Fesse hum cano p.^a emxugar a vessada [...] Fesse hum mina. Cobrio-se o cano da agoa q.^e vem para o most.^o». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1786-1789, n.º 128.



Fig. 9

Bica e pia da cozinha

se colocou uma imagem do mesmo santo, onde a água vertia para uma taça bem trabalhada, que assentava sobre um novo lajeado⁴⁹.

No prelado seguinte, 1799-1801, repararam-se todos os aquedutos e limpam-se as minas. Também se construiu uma parede para substituir alguns arcos do aqueduto aéreo que tinham ruído por causa do inverno rigoroso⁵⁰.

Em 1801-1804, mudaram-se as pias da cozinha para um quarto fechado para melhor preservar a qualidade da água. Fez-se um cano que atravessava o terreiro por baixo das escadas. Também se construiu um paredão para desviar os enxurros do engenho do azeite⁵¹.

No triénio de 1804-1807, pintou-se a óleo, fingindo mármore, uma pia batismal que existia junto da passagem para o claustro. Colocou-se duas grandes pias de água benta, também pintadas ao estilo da anterior, uma de cada lado da entrada da igreja.

⁴⁹ «Abrirão-se cinco minas de agoa; das quaes duas augmentão a q.^e vinha ao claustro e cozinha; outra rega parte dos passaes; e outra se rebayxou mais do q.^e estava, e se emcanou, e meteu no viveyro p.^a regar as ortas [...] A quinta mina se emcaminhou toda à fonte antiga, reedificando-se a mesma fonte nos seus emmarachados, aos quaes serve vistosa coroa hũa lisonja, a q.^m servem de centro as armas do glorioso S. Placido; do qual se pos hũa precioza imagem na mesma fonte; a cujos pes se ve hua figura de fundiçam por onde a mina desemboca a affluencia das suas agoas em hua grande, e bem lavrada taça que acenta sobre um bom, e novo lageado, tudo de novo feyto [...] Ficão dadas fiadas de pedra, q.^e correndo todo o jardim do claustro em roda vem arrematar no chafariz». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1798-1799, n.º 128..

⁵⁰ «Repararão-se todos os aquedutos das agoas, alimpam-se as minas das m.^{mas}, e se fez huma gr.^e parede em lugar de huma parte dos arcos das agoas; q.^e se arruinarão com a forsa do Inverno». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1799-1801, n.º 128.

⁵¹ «Mudarão-se as pias p.^a hũ quarto fechado, onde se metteu agoa, e se pós hũ esquite fóra do mesmo quarto, obra esta bem interessante p.^a limpeza, e cautela [...] Fe-se hũ canno para passar a agoa, que atravessa o terreiro abaixo das escadas [...] Fe-se hum grande paredão p.^a desviar os enxurros do engenho do azeite, que o podião arruinar, ou ao menos causar grande prejuizo no tempo da çafira; obra muito necessaria depois que s fez o egenho da serra por este empedir a corrente das agoas». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1801-1804, n.º 128.



Fig. 10
Fonte junto à estrada

Reconstruíram-se três arcos do aqueduto. Também se fizeram quatro das aduelas e ficaram aplicados seis almudes de azeite para ajudar nas custas da obra para reabilitar dois arcos que tinham caído recentemente. Ainda se compôs o cano do aqueduto, desde a mãe d'água até ao chafariz, tanques e cozinha. Por fim, colocaram-se canos por baixo das passagens de carros⁵².

Entre 1807 e 1810, construíram-se três arcos do aqueduto, financiados por seis almudes de azeite que tinham ficado aplicados no prelado anterior⁵³.

Em 1813-1816, construiu-se por baixo do engenho do azeite, e a toda a sua largura, um canal de quatro palmos e meio de largo e seis de altura, para expelir as águas em caso de cheias⁵⁴.

O último Estado em que foram registadas obras de arquiteturas da água foi no triénio de 1813-1816. O terreiro da entrada do mosteiro foi reconstruído. Abriu-se

⁵² baptismal, se ladrilhou de todo; a mesma pia se pintou a óleo, a fingir mármore, pintando-se também não só a cobertura da dita pia, e armário, q.^e também se fizeram de novo; mas juntamente os lados, e tecto de todo este retiro. Pozerão-se de hum, e outro lado, na porta da igreja, duas grandes pias, p.^a a agoa benta, que também se pintarão a fingir mármore [...] Fizerão-se de novo tre arcos sobre q.^e vem as agoas p.^a o most.^{ro}, firmados sobre trez pegoens com toda a segurança; assim na profundeza dos alicerces, como em tudo o mais; e se fizeram quatro das aduellas antigas, e p.^a os dois q.^e neste ultimo anno cahirão ficão applicados p.^a ajuda do custo seis almudes de azeite, como em seu lugar fica dito. Concertou-se, e se embatumou o canno das m.^{mas} agoas, desde a may até o chafaris, cozinha, e mais tanques, q.^e também se embatumarão; e se fizeram kannos por debx.^o de duas passagens de carro, de hũ, e outro lado do canno da agoa p.^a desaguadoro de enxurradas». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1804-1807, n.º 128.

⁵³ «Levantarão-se trez arcos do aqueduto, para ajuda de cuja obra tinhão ficado applicados seis almudes de azeite». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1807-1810, n.º 128.

⁵⁴ «Praticou-se por baixo do mesmo engenho em toda a largura d'elle, e do serrado que lhe fica ao poente hum bom canal de quatro palmos e meio de largo, e seis de alto para a prompta expedição das agoas em occasioens de cheias, em ordem a não ficar sujeito a nova ruina». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1813-1816, n.º 128.



Fig. 11
Lavatório da sacristia

uma estrada, entre dois muros baixos, desde o terreiro até ao aqueduto. Também se transferiu para junto da estrada, ao pé desse mesmo largo, uma fonte com um tanque que antes se encontrava adossada ao muro da cerca. Junto desta fonte, fez-se uma meia-laranja com assentos de pedra⁵⁵.

É importante referir que na documentação não nos surgiu qualquer referência em relação aos lavatórios da sacristia. Abílio Miranda, em 1929, narra a existência de um *ante missam* e outro *post missam*, ambos de excelente traçado, que foram destruídos aquando das obras que se fizeram por aquela altura no mosteiro⁵⁶. Hoje existe uma pequena pia a substituí-los. No entanto, há um lavatório de pedra à entrada do refeitório que não é mencionado na documentação estudada.

CONCLUSÃO

É notório que os religiosos do Mosteiro de São Miguel de Bustelo tiveram a água entre as suas principais preocupações, resultando na construção de vários elementos de arquitetura para provisionar, e melhorar, a coletividade. Apesar do elevado estado de degradação deste monumento, é notória a elevada qualidade dos objetos que persistiram, como os arcos do aqueduto, o chafariz do claustro, a fonte de São Plácido, só para referir alguns.

⁵⁵ «O terreiro da entrada do Mosteiro foi aformoseado quadrando-o da parte do Nascente por meio de huma parede, ou muro baixo, que se construiu daquelle lado, e abrindo huma estrada direita em direcção aos arcos da agoa por meio de dous muros baixos que principião no terreiro e vão ate tocar nos arcos; e mudando para junto da estrada ao pé do terreiro o tanque com sua fonte que dantes existia pegado no muro da cerca e retirado da estrada; e praticando junto ao mesmo tanque huma meia laranja com assentos de pedra em volta, tudo em ordem a maior asseio, e comodidade». ADB. CSBP, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1816-1819, n.º 128.

⁵⁶ MIRANDA, 1929a: 203; 1929b: 215.



Fig. 12
Troço do aqueduto que segue da cozinha para a fonte da horta

Até mesmo os elementos pouco visíveis, como é o caso do remanescente dos aquedutos terrestres e subterrâneos, são exemplos observáveis da qualidade das obras analisadas na documentação. É notório o conhecimento da tratadística. Tomemos o exemplo da ligação do aqueduto aéreo para a cozinha: a água verte num pequeno tanque e as suas vertentes seguem por aquedutos terrestres em direção à fonte de São Plácido. Este tipo de construção, e de percurso, remete para o sistema de condução que é proposto por Vitruvius, no Capítulo VI do Livro VIII do seu tratado, *De Architectura Libri Decem*⁵⁷.

A arquitetura da água está ligada ao desenvolvimento das comunidades e a proteção deste património é urgente e muito importante. Tendo em conta o estado de degradação do Mosteiro de Bustelo, como um todo, é essencial alertar para a urgência da salvaguarda deste monumento.

FONTES

Fontes manuscritas

Arquivo Distrital de Braga

ADB. CSBP: *Congregação de São Bento de Portugal*, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1626-1767, n.º 127.

ADB. CSBP: *Congregação de São Bento de Portugal*, Estados dos mosteiros, Mosteiro de São Miguel de Bustelo, 1767-1822, n.º 128.

⁵⁷ VITRÚVIO, 2009: 342-343.

Fontes impressas

- CASTRO, Domingos Leite de (1896). *Memoria de Bustello*. «Revista de Guimarães». Porto: Typographia de José António da Silva Teixeira. XII:3 (jul.-set.) 130-143.
- CASTRO, Domingos Leite de (1897). *Memoria de Bustello (continuação)*. «Revista de Guimarães». Porto: Typographia de José António da Silva Teixeira. XIV:2-3 (abr.-set.) 122-126.
- COELHO, Manuel Ferreira (1987-1988). *O concelho de Penafiel nas “Memórias Paroquiais de 1758”*. «Penafiel: Boletim Municipal de Cultura». Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel. 4/5, 257-335.
- MEIRELES, Frei António d'Assunção (2007 [1800-1801]). *Memórias do Mostr.º de S. Miguel de Bustelo, escritas sobre o exame do seu Arquivo*. In MEIRELES, Frei António d'Assunção. *Memórias do Mosteiro de S. Miguel de Bustelo*. Introdução, fixação do texto e índice por frei Geraldo J. A. Coelho Dias. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel, pp. 116-130. (Série Estudos e Documentos; 2).
- MORIN, D. Germain, trad. (1944). *La Règle de Saint Benoît*. Friburgo: Éditions de L'Impr. St-Paul.
- PORTUGAL. Ministério da Cultura. Presidência do Conselho de Ministros (1984). *Decreto do Governo n.º 29/84 de 25 de Junho*. «Diário da República I Série». 145 (1984-06-25) 1925-1928.
- VITRÚVIO (2009). *Tratado de Arquitectura*. Tradução, introdução e notas de Manuel Justino Maciel. Lisboa: IST Press.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1997). *A arquitectura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII (I)*. «Poligrafia». Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. 6, 45-62.
- GRIMAL, Pierre (2004). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 4.ª edição. Algés: Difel.
- HODGE, A. Trevor (1992). *Roman Aqueducts & Water Supply*. London: Duckworth.
- MAIA, Fernanda Paula Sousa (1985-1986). *O Mosteiro de S. Miguel de Bustelo à luz dos «Estados» de Tibães*. «Penafiel: Boletim Municipal de Cultura». Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel. 3.ª série. 2/3, 61-96.
- MAIA, Fernanda Paula Sousa (1991). *O Mosteiro de Bustelo: propriedade e produção agrícola no Antigo Regime (1638-1670 e 1710-1821)*. Porto: Universidade Portucalense. (Série Monografias; 1.)
- MIRANDA, Abílio (1929a). *O Convento de Bustelo*. «Penha-Fidelis». Penafiel: Tipografia Minerva. 1.º ano. 10, 203-204.
- MIRANDA, Abílio (1929b). *O Convento de Bustelo (A)*. «Penha-Fidelis». Penafiel: Tipografia Minerva. 1.º ano. 11, 212-227.
- SMITH, Robet C. [1968]. *S. Bento da Vitória, do Porto à luz dos «Estados» de Tibães*. Porto: Livraria Fernando Machado.
- TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2011). *O abastecimento de água na cidade do Porto nos séculos XVII e XVIII. Aquedutos, fontes e chafarizes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.